

DIÁLOGOS E ACOLHIMENTO: O SUBPROJETO DE HISTÓRIA DO PIBID/UFOB SENDO RECEPCIONADO PELA COMUNIDADE ESCOLAR

Kleber Jesus de Souza ¹

Dilza Santos Torres ²

Gabriela do Nascimento Silva ³

Bruna Luiza Soares Pires ⁴

Sônia Escobar Ferreira ⁵

RESUMO

Este relato de experiência reflete sobre a contribuição da inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa do Ministério da Educação integrada à Política Nacional de Formação de Professores que fomenta a formação inicial docente em nível superior. O Subprojeto de História PIBID/UFOB 2024-2026 é composto por 24 estudantes de licenciatura em História, dos quais oito estão alocados na Escola Municipal Iazinha Pamplona, que atende aos anos finais do Ensino Fundamental. O início do Subprojeto de História na referida escola foi marcado pela observação das aulas de História nas turmas de 7º ano A e B do período matutino. Após a fase de observação, foram realizadas duas oficinas pedagógicas com as turmas, entre o período de abril e julho de 2025, abordando as temáticas de História Ambiental, História Local e História e Literatura. Para o desenvolvimento dessas oficinas, foi utilizado como referencial teórico as reflexões de Freire (1996) e Hooks (2017) no que diz respeito à prática docente. Para o conceito de História local, recorremos à perspectiva de Cavalcanti (2018) e para discutir História ambiental, as contribuições de Rodrigues e Machado (2023). As leituras partiram de reuniões com o coordenador do subprojeto e a professora supervisora. A vivência no programa tem proporcionado importantes aprendizados para a formação docente dos alunos pibidianos. O acolhimento e o diálogo com os estudantes da instituição fortalecem, no grupo, a confiança para as futuras práticas pedagógicas. O programa se apresenta como uma oportunidade de refletir a partir do chão da escola, e entender que práxis, para além de um conceito, é uma atuação para a humanização do outro e de si mesmo.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, kleber.s2972@ufob.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, dilza.t2623@ufob.edu.br;

³ Historiadora e graduanda do Curso de Licenciatura de História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, gabriela.s3657@ufob.edu.br;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, bruna.p1287@ufob.edu.br;

⁵ Professora orientadora: Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, escobarsonia274@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este relato tem como tema os diálogos e o acolhimento vivenciados por quatro bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto de História, da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). O programa é uma iniciativa do Ministério da Educação e está integrado à Política Nacional de Formação de Professores, que fomenta a formação inicial docente em nível superior.

O Subprojeto de História PIBID/UFOB 2024-2026 é composto por 24 estudantes de licenciatura em História, dos quais oito - distribuídos em dois quartetos - estão alocados na Escola Municipal Iazinha Pamplona, que atende estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, sob a supervisão da professora Sônia Escobar Ferreira. Um dos quartetos é formado pelos discentes Bruna Luiza Soares Pires, Dilza Santos Torres, Gabriela do Nascimento Silva e Kleber Jesus de Souza, que acompanham atualmente as aulas de História em duas turmas de 7º ano.

As atividades do Subprojeto de História PIBID/UFOB, desenvolvidas na unidade escolar se baseiam no entendimento de que essa experiência possibilita para os bolsistas melhoria em sua formação inicial a partir da imersão no chão da escola com a possibilidade de unir teoria e prática desde o início da graduação; Para a unidade escolar, os pibidianos representam apoio nos processos de ensino e aprendizagem, já que podem contribuir no planejamento e desenvolvimento de propostas pedagógicas; e também fortalecimento do vínculo entre a escola e universidade, proporcionando uma troca de saberes entre academia e a educação básica.

Este relato tem como objetivo socializar a experiência vivida pelo quarteto na escola, no que diz respeito ao acolhimento dos estudantes ao Subprojeto de História PIBID/UFOB, e refletir sobre as contribuições do programa para a prática docente na educação básica e para a formação inicial de professores, uma vez que para o docente em formação a “inserção no espaço escolar traz o confronto com a realidade, mas também o conhecimento e a busca de compreensão desse novo ambiente, em um movimento no qual as expectativas vão sendo revistas e novas relações são construídas” (Ambrosetti; Nascimento; Almeida; Calil; Passos, 2013, p. 162).



Como referencial teórico para as discussões propostas, temos as contribuições de Freire (1996) sobre a reflexão crítica da prática, e Hooks (2017), que defende uma abordagem e práticas de cuidado para um aprendizado crítico. Entre os meses de abril e julho foi desenvolvida a oficina “Do Campo à Mesa: um encontro entre História Ambiental, Local e a feira livre de Barreiras-BA” que tinha como foco a História local e ambiental e foi realizada com as turmas dos 7º anos.

A oficina foi desenvolvida a partir de uma aula expositiva dialogada, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre como as práticas agrícolas e a cultura alimentar de matrizes africanas e indígenas que estão presentes na realidade dos estudantes, sob a perspectiva da relação entre a feira livre de Barreiras (BA) e a agricultura familiar da região. No segundo momento, com base nos elementos discutidos em sala, os/as estudantes foram orientados/as a produzir um caderno de receitas que contemplasse alimentos de origem africana e indígena. A proposta envolveu tanto a escrita das receitas quanto a elaboração de conteúdos complementares, como mitos, símbolos, aspectos culturais e relatos da relação pessoal dos estudantes com determinadas práticas culinárias. Para a execução da atividade, os/as estudantes foram organizados/as em grupos de quatro integrantes, e cada equipe ficou responsável por um segmento alimentar. A produção dos cadernos foi feita de forma artesanal, utilizando materiais recicláveis. Nesse processo, os/as discentes tiveram ampla autonomia criativa, incorporando fotografias, desenhos feitos à mão e colagens, o que favoreceu o protagonismo e a expressão subjetiva na construção do material.

METODOLOGIA

Entre os dias 1 e 30 de abril de 2025, foi realizada a primeira oficina nas turmas do 7º ano A e B matutino da escola, nas aulas de História, sob a supervisão da professora Sônia Escobar Ferreira. Com o título “Do campo à mesa: um encontro entre História, Natureza e Comunidade na Feira livre de Barreiras-BA”, a oficina tinha como proposta contemplar as discussões dos objetos de conhecimento dos povos e culturas africanas, impérios e reinos africanos e povos originários da América, bem como trabalhar especificamente com o conhecimento da história local do município de Barreiras-BA.



Objetivando promover a valorização da história local e ambiental da cidade em questão, com destaque para a feira livre e a agricultura familiar como elementos centrais da identidade cultural; investigando a origem, transformações e importância da feira livre para a comunidade local, bem como refletindo sobre as práticas sustentáveis na agricultura e no comércio da feira. A construção do processo destaca também a importância das técnicas de cultivo dos povos africanos e pré-colombianos e sua influência na alimentação local.

A organização da oficina contou inicialmente com uma fase de planejamento, em que os bolsistas e a professora supervisora se reuniram nos horários destinados às atividades complementares (AC's), nos dias 1, 2 e 8 de abril de 2025, e elaboraram o plano de oficina com produção de materiais didáticos, que foi entregue ao coordenador de área para uma análise prévia.

A relevância da realização da proposta se justifica na influência da herança africana e indígena na produção agrícola brasileira, tema que abrange uma rede de complexas interações sociais e culturais. Com a vinda dos africanos ao Brasil, como resultado do tráfico transatlântico de escravizados, suas práticas agrícolas, conhecimentos e culturas se entrelaçaram com as tradições indígenas e portuguesas, criando um sistema agrícola único.

No dia 9 de abril de 2025, foi realizada a primeira parte da execução da oficina nas turmas dos 7º anos. Na referida data, a aula foi iniciada com uma exposição teórica, com o auxílio de slides, abordando o processo histórico das práticas agrícolas; a influência africana e indígena na alimentação; a agricultura familiar nos quilombos; o surgimento e desenvolvimento da Feira Livre do município de Barreiras-Ba e a relação da agricultura familiar com a sustentabilidade. Em seguida, os estudantes foram apresentados à proposta de confecção de um livro contendo receitas com ingredientes de origem dos cultivos de povos africanos e pré-colombianos. Para isso, eles foram orientados a realizar uma pesquisa prévia, utilizando livros, revistas e ferramentas da internet. Foi explicado aos alunos que os livros poderiam incluir imagens e ilustrações de própria autoria.

Para a produção dos livros, cada turma foi organizada em dez grupos, com no máximo três integrantes por equipe. Os pibidianos também destacaram a importância de os estudantes apresentarem seus trabalhos à turma ao final do processo, explicando a motivação da escolha



das receitas e sua origem. Foram necessárias mais duas semanas para a confecção, finalização e apresentação dos livros de receitas, nos dias 16 e 30 de abril de 2025.

Foram necessárias mais duas semanas para a confecção, finalização e apresentação dos livros de receitas, realizadas nos dias 16 e 30 de abril de 2025. Os materiais utilizados na produção dos livros foram, em geral, reciclados e reaproveitados, como retalhos de tecido, papéis reciclados, papelão e barbantes, a fim de conscientizar os alunos sobre a importância de reutilizar objetos que, convencionalmente, seriam descartados como lixo

A segunda oficina realizada com as turmas de 7º ano em 2025, intitulada “*Diálogos entre História e Literatura: Discutindo o processo colonial na América através de poesias*”, ocorreu entre 20 de maio e 4 de junho. A atividade abordou os processos de colonização das Américas e teve como objetivo relacionar esse contexto histórico à literatura por meio da produção de poesias. Os estudantes refletiram sobre as interações entre europeus e indígenas, analisaram a estrutura político-administrativa imposta pelos colonizadores e discutiram os impactos da conquista para as populações nativas, conectando esses elementos à criação de textos literários.

Os dias destinados ao planejamento da oficina situam-se entre 20 e 22 de maio de 2025, e a execução foi organizada em duas datas, 28 de maio e 4 de junho de 2025. No dia 28 de maio, foi realizada uma exposição teórica e dialogada do objeto de conhecimento, com o auxílio de slides e exibição de vídeo, abordando abordando o processo histórico das colonizações no continente americano, com ênfase no contato inicial dos europeus com as populações nativas.

Em seguida, foi proposta aos estudantes a elaboração de um quiz com perguntas e respostas relacionadas ao conteúdo abordado. A turma foi organizada em trios, e cada equipe foi orientada a escrever um rascunho com três perguntas e suas respectivas respostas sobre o processo de colonização na América, utilizando o capítulo 7 do livro didático. As perguntas foram revisadas e, após a correção, transcritas para os papéis definitivos entregues aos discentes; posteriormente, as questões foram armazenadas na caixa do quiz

Na semana seguinte, dia 4 de junho de 2025, dando continuidade à oficina, foi realizada uma dinâmica que consistiu no sorteio de perguntas, e os estudantes foram estimulados a propor respostas às questões. Cada aluno sorteou e leu uma pergunta para que a turma tentasse responder. Foi uma oportunidade de revisar e fixar os conteúdos abordados.

impactos do processo colonial para as populações nativas e a resistência dessas comunidades diante da invasão e dominação de seus territórios. Também foi explicado como a Literatura aborda esse período colonial, fazendo uma leitura crítica da poesia “500 anos de Brasil”, de José Francisco Borges.

Em seguida, os bolsistas do Subprojeto de História do PIBID-UFOB orientaram os estudantes sobre como se organiza a estrutura de uma poesia, com versos, estrofes e rimas. Com isso, foi apresentada a proposta de produção da oficina, para a construção coletiva de uma antologia de poesias. Os estudantes escreveram, individualmente, suas poesias, para que fossem posteriormente entregues, avaliadas como parte integrante da nota do trimestre letivo, e digitalizadas para a produção do material didático.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta da oficina parte de uma concepção do entrecruzamento entre História Local, História da África e cultura africana e afro-brasileira e História Ambiental como um importante instrumento na construção de aprendizagem histórica no ambiente escolar. O debate busca possibilitar aos estudantes se reconhecerem como agentes históricos, partindo da compreensão das suas realidades e do território que habitam.

Carolina Santos Barroso de Pinho (2020) coloca que, diante do papel que o racismo desempenha na sociedade, só é possível fazer uma transformação, se as práticas coletivas forem pautadas em uma pedagogia anti-racista. Maria Helena P. T. Machado (1988, pág. 144) ao estudar a história da escravidão, aponta que a partir de 1980, novas tendências historiográficas geraram uma nova percepção que relega ao escravizado “o papel de figurante, incapaz de interagir eficazmente no processo histórico”.

Para Krenak (2019, p. 21) “aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade”. Dessa forma, a oficina desenvolvida se configura como uma estratégia de desmistificação do imaginário social que reduz a participação desses sujeitos ao trabalho escravo forçado ou a colonização pela troca

pôr “espelhos” -preconceito sistematicamente utilizado- ignorando as suas fundamentais contribuições na construção da identidade cultural brasileira.

IX Seminário Nacional do PIBID

De acordo com a Base Comum Curricular (Brasil, 2024), o ensino de história tem como função social, favorecer o desenvolvimento da consciência histórica, compreendendo a construção da história e os vários sujeitos que contribuíram com a identidade cultural do Brasil. Desse modo, durante o trabalho desenvolvido foram abordadas as contribuições das técnicas agrícolas e das práticas alimentares dos povos originários e dos povos africanos para a formação da cultura alimentar desenvolvida no Brasil.

Neste contexto, foi evidenciado como a cultura alimentar e as práticas de cultivos são resultados de trocas culturais e de saberes ancestrais, em que conhecimentos trazidos pelos africanos e os saberes tradicionais dos povos indígenas constituíram grande influência na agricultura e nas práticas alimentares presentes na atualidade. Pollak (1992) aponta que a memória não se restringe à experiências vividas pelos indivíduos, quando compartilhada e transmitida por grupos ou coletividades com os quais os sujeitos se identifiquem, ela passa a constituir uma memória social e cultural, vivenciada simbolicamente como se fosse própria.

Ao considerar a relação entre memória, identidade e território, a Feira Livre de Barreiras - BA foi abordada através da compreensão como espaço de memória e identidade, no qual se expressam práticas culturais e sociais da própria realidade dos estudantes. Trazendo o espaço local, a feira se configura como um ambiente em que os agricultores familiares contribuem para a preservação e atualização das tradições alimentares, a partir dos produtos típicos dos povos estudados e da própria cultura alimentar local. Além disso, o debate mostra de forma significativa como certas práticas históricas e culturais permanecem próximas da realidade dos estudantes.

A escola se insere em um território predominantemente negro, refletindo a diversidade étnico-racial do espaço. Além disso, a região abriga comunidades quilombolas e aldeia indígena, o que reforça a importância de práticas educativas que valorizem os saberes desses grupos que foram historicamente marcados tanto pela violência colonial, como também pela resistência através preservação de suas tradições. Nesse sentido, a feira representa um espaço de interação em que as heranças africanas e indígenas são reelaboradas e vivenciadas pela comunidade, permitindo que os sujeitos se reconheçam como agentes históricos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo a importância das práticas ancestrais africanas e pré-colombianas de manejo da terra e cultivo de alimentos, tornou-se possível relacionar essas heranças históricas com o contexto alimentar local contemporâneo, analisando o comércio empreendido na Feira Livre de Barreiras-BA, lugar no município de grande importância econômica, social, cultural e ambiental, no que se refere às práticas sustentáveis realizadas pela agricultura familiar.

A confecção dos cadernos de receitas valorizou os conhecimentos familiares e comunitários. Em vinte cadernos, encontramos narrativas que relacionam ingredientes, modos de preparo e memórias afetivas. Vários alunos relataram terem familiares que plantam, criam animais para consumo e venda na feira. Nos livros os alunos também relataram suas opiniões e memórias afetivas sobre os pratos ali descritos. Essas falas mostram que a comida funciona como espaço de transmissão de memória e de identidade.

O trabalho em grupo estimulou a divisão de tarefas, discussões sobre as receitas e como produzir um livro que todos se orgulhavam (pesquisa, edição e confecção) e promoveu maior engajamento: os alunos passaram de espectadores a produtores de conteúdo, propondo temas e perguntas sobre colonização e práticas alimentares locais.

As oficinas favoreceram o relato de memórias pessoais que articulam pertencimento e resistência. Técnicas de matriz africana e saberes indígenas apareceram nas produções como traços presentes na mesa local. Essa presença reafirma a importância de incluir referências multiculturais no ensino de História principalmente em uma região baiana onde a cultura indígena e afro-brasileira está presente e resiste todos os dias, fugindo de um cânone exclusivamente europeu.

Para os bolsistas, a experiência teve caráter formativo e transformador. A necessidade de adaptar linguagens, construir materiais acessíveis e mediar o diálogo com a comunidade escolar revelou competências essenciais para a docência: planejamento contextualizado, escuta ativa e sensibilidade para lidar com afetos e memórias.

Os resultados indicam que oficinas contextualizadas, que cruzam práticas culturais e escolares, têm potencial para fortalecer laços entre universidade, escola e comunidade. Ao

produzir cadernos de receitas e dialogar com a feira, os alunos viram seu cotidiano tornar-se objeto de estudo e valorização.

Através desses resultados observados na oficina e nas demais experiências vivenciadas durante o programa, os pibidianos também tiveram a oportunidade de refletir sobre o chão da escola e o exercício práticas, onde atividades como a oficina sobre História Ambiental e Local, proporcionam uma rica interação entre licenciandos e estudantes da educação básica, em sala de aula.

Importante notar que a prática pedagógica aqui relatada não é neutra: escolha de materiais, modos de registro e enfoques teóricos impactam diretamente nos resultados. Optamos por dar visibilidade a saberes locais e por materiais reutilizáveis, escolhas pedagógicas que também dialogam com uma ética ambiental.

Ainda assim, há desafios: como a disponibilidade de recursos e a necessidade de formação continuada para professores que desejam incorporar essas práticas. A sustentabilidade de projetos como este depende tanto de apoio institucional quanto da construção de redes de colaboração entre universidade e comunidade escolar.

Para avaliar impactos em longo prazo seria necessário acompanhamento longitudinal. Além disso, houve vínculos e vozes que não conseguimos alcançar plenamente, uma limitação metodológica a ser enfrentada em próximas edições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Subprojeto de História do PIBID-UFOB na Escola Municipal Iazinha Pamplona confirmou que formação inicial e prática escolar ganham senso de urgência quando articuladas à vida local. Os cadernos de receitas, as conversas com os alunos durante a produção e a sessão na feira livre mostraram que saberes cotidianos podem, e devem, entrar na sala de aula como fontes legítimas de conhecimento histórico.

Recomendamos +





manter e expandir oficinas interdisciplinares; registrar e arquivar sistematicamente os materiais produzidos; promover formações continuadas para docentes que queiram replicar atividades; e buscar apoio institucional para garantir a continuidade dessas práticas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos alunos das turmas do 7º ano da Escola Municipal Iazinha Pamplona; aos feirantes do Mercado Municipal de Barreira-BA, que nos receberam; e também ao programa PIBID-UFOB pelo financiamento e apoio logístico.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Neusa Banhara; NASCIMENTO, Maria das Graças C. A.; ALMEIDA, Patrícia A.; CALIL, Ana Maria G. C.; PASSOS, Laurizete F. Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores: o olhar dos estudantes. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 151-174, jan./jun. 2013.

BAPTISTA, C. R. et al. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. Form de Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. *E-Mosaicos*, v. 7, p. 3-25, 2019.

DE PINHO, Carolina Santos Barroso. A construção de uma pedagogia antirracista como estratégia revolucionária. *Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças*, p. 31, 2020.



FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. *Ensino a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Maria Helena P. T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, p. 143–160, 1988.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.